

TIKTOKIZAÇÃO DAS CULTURAS INFANTIS: BRINCADEIRAS TRADICIONAIS COMO ALTERNATIVA PARA O RESGATE DE INTERAÇÕES SAUDÁVEIS NA INFÂNCIA – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sara Gabrieli da Silva Mota ¹

RESUMO

Este relato de experiência, advindo de um estágio em Educação Infantil do curso de pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC), analisa um conjunto de intervenções pedagógicas em um agrupamento de infantil 5 em um Centro de Educação Infantil (CEI) da rede pública de Fortaleza. Durante o período de observação ativa identificou-se nas interações entre as crianças a reprodução mecânica de bordões de memes *brainrot*, termo dado aos conteúdos digitais popularizados em plataformas de vídeos curtos que comprometem o desenvolvimento integral ao prejudicar a atenção, gerar dependência de estímulos e desestabilizar relações sociais. Como alternativa no espaço educacional, implementou-se uma sequência de atividades que articularam brincadeiras tradicionais (cordas, amarelinha, cantigas), alinhadas às diretrizes nacionais para a Educação Infantil, combinando observação participante, introdução progressiva de repertórios lúdicos ancestrais e criação de espaços para brincar livre. Os resultados evidenciaram a restauração de interações sociais sustentadas, a emergência de criatividade espontânea e o resgate de partilhas e trocas significativas entre as crianças. Tais achados reforçam a relevância do brincar tradicional como estratégia pedagógica crítica frente à crise ocasionada por fatores como a disseminação massiva de conteúdos curtos, que interferem negativamente no processo de aprendizagem no cenário educacional contemporâneo, oferecendo caminhos viáveis para educadores em contextos de desigualdade social. Em síntese, as brincadeiras tradicionais configuram-se como ferramentas políticas de resistência cultural contra a massificação digital. O estágio permitiu articular teoria e prática, revelando a Educação Infantil como espaço de socialização de saberes ancestrais, desenvolvimento histórico, social e cultural, além da construção de vínculos comunitários, reafirmando o brincar como ato transformador essencial para a ressignificação identitária e cognitiva.

Palavras-chave: Educação Infantil, Brincadeiras Tradicionais, Memes *Brainrot*.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, saragabrielli00@gmail.com;





INTRODUÇÃO

O cenário educacional contemporâneo tem sido desafiado pela influência crescente das mídias digitais no desenvolvimento infantil. Este relato de experiência, decorrente de um estágio supervisionado em Educação Infantil realizado em um Centro de Educação Infantil (CEI) da rede pública de Fortaleza, analisa intervenções pedagógicas realizadas com o objetivo de enfrentar um fenômeno específico: a reprodução mecânica, por crianças do infantil 5, de bordões oriundos de memes *brainrot*. Conforme evidenciado por Vale (2025), tais conteúdos, viralizados em plataformas de vídeos curtos, caracterizam-se por seu humor absurdistas e estética grotesca, e são nocivos por comprometer a atenção, fomentar a dependência de estímulos imediatos e desestabilizar as relações sociais e culturais.

A fundamentação teórica que orientou este trabalho parte do conceito de neuroplasticidade, entendida como a capacidade do sistema nervoso de se reorganizar a partir de experiências e reagir a estímulos externos (Pereira; Oliveira; Medeiros, 2024). Segundo as autoras, a exposição precoce e constante a vídeos curtos ativa intensamente o sistema de recompensa cerebral, liberando dopamina e criando um ciclo de busca por prazer imediato. Souza e Laine (2024) também reforçam que esse mecanismo é potencializado pelos esquemas de reforço variável empregados pelas plataformas digitais ao oferecer recompensas imprevisíveis aos usuários. No contexto infantil, esse interesse pelas telas pode colocar em risco os processos de socialização e o interesse por atividades coletivas. É importante ressaltar que esta análise não dissocia o fenômeno do contexto socioeconômico, reconhecendo que, em situações de vulnerabilidade social, as telas frequentemente se tornam uma solução prática para famílias privadas de alternativas de lazer seguras e acessíveis.

Diante desse quadro, a justificativa para a intervenção reside no papel crucial da escola pública como espaço de equidade e oferecimento de experiências adequadas para o desenvolvimento integral da criança (Brasil, 2010). Como alternativa pedagógica às influências digitais negativas, este trabalho escolheu o brincar tradicional, por meio de cantigas, amarelinha e brincadeiras com corda, como eixo central. Tal escolha fundamenta-se na compreensão de que o brincar é parte essencial do desenvolvimento integral da criança, atuando nas dimensões afetiva, cognitiva e psicomotora (Ancinelo e Caldeira, 2007), e constitui um ato de construção cultural e social, na linha das perspectivas socioconstrutivistas (Barbosa e Horn, 2008).





Do ponto de vista metodológico, tratou-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que utilizou a observação participante e o diário de bordo como instrumentos primários para a coleta de dados. O estudo organizou-se em três etapas entrelaçadas: revisão teórica, observação ativa da rotina seguida pela implementação de intervenções pedagógicas, e a análise das duas primeiras etapas. As atividades lúdicas tradicionais foram introduzidas de forma progressiva, promovendo momentos de convivência e partilha cultural, em acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs). Assim, a análise aqui presente articulou a experiência prática imersiva com a reflexão teórica sistemática.

Dessa forma, após esta introdução, o estudo será apresentado da seguinte maneira: na seção de metodologia, serão detalhados os procedimentos e critérios que orientaram a investigação. Em seguida, na discussão teórica, são examinados os fundamentos conceituais que alicerçam a análise. Posteriormente, a exposição dos resultados apresenta as descobertas da pesquisa que serão analisadas com base no referencial teórico. Por fim, as considerações finais sintetizam as conclusões, refletem sobre as limitações do estudo e sugerem direções para pesquisas e práticas futuras, seguidas das referências bibliográficas que fundamentaram todo o trabalho.

METODOLOGIA

Esse relato de experiência, intitulado “Tiktokização² das culturas infantis: brincadeiras tradicionais como alternativa para o resgate de interações saudáveis na infância”, advém da vivência como estagiária em uma atividade de estágio supervisionado em Educação Infantil que foi organizada em três etapas principais que, embora sequenciais, se entrelaçam entre si: a revisão teórica, a etapa de observação ativa e intervenções na rotina da turma observada. Todo o processo de análise e escrita se fundamentou em uma abordagem de caráter qualitativo, uma vez que buscou estudar os fenômenos em seu ambiente natural e compreender os significados e conhecimentos produzidos pelas interações entre as crianças, seja com outras crianças, com a professora ou com a estagiária.

Para Minayo (2001, p. 21-22), a pesquisa qualitativa se diferencia da quantitativa em sua natureza pois “ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado” e “[...] responde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos [...]”. Foi nessa perspectiva que o estudo foi guiado e escolheu, a partir das observações e intervenções proporcionados pelo estágio supervisionado, como objeto de

2 GERHARDT, Tatiana Engel, *et al.* Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.





estudo a análise de intervenções com brincadeiras tradicionais como alternativa para enfrentar a problemática gerada pela reprodução de memes *brainrot* por crianças da turma observada durante a experiência.

Para a coleta de dados, utilizou-se a observação-participante, registrada em um diário de bordo. Segundo Gerhardt³ (*apud* Ana e Lemos, 2018, p. 536), as técnicas de observação “[...] consistem em ver, ouvir e examinar os fatos, os fenômenos que se pretende investigar” e são importantes para a pesquisa científica pois “[...] obriga o investigador a ter um contato mais próximo com o objeto de estudo”. Os registros, que documentam desde a fase de observação inicial até a avaliação crítica das intervenções, serviram como suporte para a análise dos processos de interação e as reações das crianças durante as intervenções.

Após a etapa de observação, na sequência de intervenções buscou-se resgatar brincadeiras cantadas e jogos tradicionais com bola, corda, elástico e amarelinha, promovendo momentos de convivência, escuta, interação e partilha acerca de tradições culturais brasileiras, garantindo uma experiência coerente com o que propõe o inciso XI do artigo 9º das DCNEIs (Brasil, 2010).

A terceira e última etapa desse processo é esta análise e relato crítico do percurso investigativo e de intervenções. Para complementar a fundamentação teórica, além das utilizadas nas etapas anteriores, utilizou-se a análise documental dos referenciais teóricos que tratam dos efeitos das plataformas de vídeos curtos - mais especificamente os artigos “TikTok: sua influência e efeitos no sistema nervoso, bem como seu impacto negativo no processo de aprendizagem escolar” (Pereira; Oliveira; Medeiros, 2024) e “Mídias digitais vs saúde mental: como o uso excessivo afeta nossas vidas” (Souza e Laine, 2024), que foram selecionados após a pesquisa de palavras-chave no google acadêmico, como “impactos negativos do tiktok”, “redes sociais e aprendizagem” - e do valor pedagógico do lúdico (Ancinelo e Caldeira, 2007; Barbosa e Horn, 2008).

Esse procedimento, conforme define Minayo (2001), permite acessar dimensões não quantificáveis da realidade. A articulação entre os registros do diário de campo e os aportes teóricos analisados, tal como sugerido por Ana e Lemos (2018), conferiu maior consistência e profundidade às interpretações, integrando a experiência prática com o conhecimento já estabelecido na área.

Dessa forma, a metodologia empregada articulou a observação imersiva com a reflexão teórica sistemática, permitindo não apenas descrever, mas interpretar criticamente os

3 O termo “tiktokização” surgiu de maneira orgânica para descrever o fenômeno de influência que o TikTok, plataforma de vídeos curtos, vêm exercendo em diversas áreas da vida cotidiana e analisar como as relações sociais, culturais e profissionais estão se moldando a partir das redes sociais.



processos vivenciados durante o estágio e suas implicações para a prática pedagógica na Educação Infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO

Durante a etapa de observação foi possível perceber, em momentos de interações entre as crianças em rodas de conversas e leituras e, até mesmo, em interações com a professora regente ou com outros adultos de referência, a reprodução de memes *brainrot* que Caroline Vale (2025) define como “[...] uma vertente de memes absurdos criados por inteligência artificial generativa, marcada por visuais grotescos, narrações em “italiano” sintético e nomes italianizados, como *Tralalero Tralala*, *Bombardino Crocodilo*, *Tung Tung Tung Sahur e Ballerina Cappuccina*”.

Os memes *brainrot*, termo que em português significa “apodrecimento cerebral”, viralizaram em plataformas de vídeos curtos, principalmente no TikTok. O principal problema a ser abordado aqui é o contato precoce de crianças pequenas com esses conteúdos nocivos para o seu desenvolvimento integral e saudável.

Para entender os malefícios desses conteúdos para o desenvolvimento infantil buscou-se entender o conceito de neuroplasticidade. Pereira *et al* (2024, p. 1245) definem a neuroplasticidade como

[...] a capacidade do sistema nervoso central de reorganizar seus múltiplos padrões de respostas e conexões a partir de novas experiências e necessidades do indivíduo provocadas pelo ambiente. [...] é acionada pela relação do organismo com os estímulos externos recebidos, eles diferenciam e moldam os circuitos neurais, que caracterizam a plasticidade e a individualidade neural do organismo.

Compreende-se, então, que a interação com estímulos externos ativa a capacidade do cérebro de reorganizar seus padrões de respostas e, conseqüentemente, os comportamentos dos indivíduos e, além disso, “[...] o consumo dos vídeos curtos do TikTok eleva os níveis dopaminérgicos causando uma sensação de prazer imediato, levando-o a buscar sempre mais” (Pereira *et al*, 2024, p. 1247).

Esse processo de liberação de um reforço positivo como consequência de uma interação, experiência ou atividade é essencial para a aprendizagem pois segundo os autores é a partir daí que é promovido o “[...] interesse e a formação de hábitos, incentivando a repetição de comportamentos, um mecanismo que é fundamental para a sobrevivência, pois nos motiva a buscar experiências positivas e evitar as negativas” (Pereira *et al*, 2024, p. 1249).

Sendo assim, a dopamina não é vilã do desenvolvimento saudável, mas é preciso estar atento aos estímulos que estão sendo disponibilizados para as crianças durante seu constante





processo de aprendizagem. As plataformas de mídias sociais, com o objetivo de maximizar o engajamento dos usuários para **lucrar mais, empregam** esquemas de reforço que estão diretamente relacionados aos processos de recompensas, uma vez que eles também influenciam na motivação para realizar ou não uma atividade.

Segundo Souza e Laine, “existem três tipos principais de esquemas de reforço: contínuo, onde cada ação gera uma recompensa imediata; parcial, em que as recompensas ocorrem de forma intermitente; e variável, que proporciona uma experiência imprevisível e viciante” (2024, p. 5). Os autores exemplificam que o variável é o mais presente em redes sociais pois “[...] o uso de vídeos curtos alimenta a expectativa por novos conteúdos a cada deslizar, reforçando o ciclo de vício” (2024, p. 6).

No contexto infantil, esse ciclo pode levar à desestabilização das relações sociais, uma vez que a interação com a tela parece mais interessante e pode substituir gradualmente o contato presencial, a negociação de regras e o interesse por potenciais atividades.

Entretanto, a análise desse fenômeno não pode ser dissociada do contexto socioeconômico em que as crianças estão inseridas, uma vez que famílias em vulnerabilidade social, como as atendidas pelo CEI, não possuem o mesmo acesso à alternativas saudáveis para as suas crianças e lhes falta tempo e dinheiro para refletir sobre as consequências, restando-lhes a solução prática e rápida: as telas.

A crítica aqui apresentada não busca culpabilizar as famílias, pois isso seria escolher ignorar as desigualdades estruturais que impossibilitam o acesso à ferramentas e repertórios adequados para a saúde mental, já que essa situação resulta de uma conjuntura mais complexa e confina as crianças em ambientes limitados por conta da falta de espaços públicos seguros para brincar, da jornada de trabalho extensa e exaustiva dos responsáveis e, também, da violência urbana presente em territórios periféricos.

Por entender que o serviço público de educação pode oferecer suporte e desenvolver atividades apropriadas para a integração da cultura em brincadeiras educativas, fez-se imperiosa a apresentação de uma alternativa menos prejudicial à saúde mental, que, para além da redução de impactos e danos à memória e concentração, apontasse caminhos propícios para que as crianças pudessem, através de interações e brincadeiras - eixos estruturantes na Educação Infantil - estabelecer conexões benéficas para o seu desenvolvimento integral, contribuindo para uma organização saudável de padrões cerebrais.

O interesse pelas brincadeiras tradicionais como alternativa para esse cenário surgiu por entender que elas podem e devem ser utilizadas como ferramenta pedagógica, abrangendo, por meio de experiências ricas e intencionalmente estruturadas, múltiplas





dimensões e contribuindo para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor da criança (Ancinelo e Caldeira, 2007).

Para Ancinelo e Caldeira, “o brincar é parte essencial do processo de desenvolvimento infantil, cognitivo e afetivo-emocional, não devendo ser visto como uma atividade complementar, supérflua ou até mesmo dispensável” (2007, p. 2-3), as autoras resgatam também a seguinte afirmação de Vera Oliveira:

Brincando, a criança vai construindo os alicerces da compreensão e utilização de sistemas simbólicos como a escrita, assim como da capacidade e habilidade em perceber, criar, manter e desenvolver laços de afeto e confiança no outro. [...] Assim como aos poucos vai coordenando, agilizando e dotando seus gestos de intenção e precisão progressivas, vai aprendendo a interagir com os outros, inclusive com seus pares, crescendo em autonomia e sociabilidade (Oliveira, 2002 *apud* Ancinelo; Caldeira, 2007, p. 3).

A percepção de que a aprendizagem e o desenvolvimento só acontecem por meio da internalização das experiências estabelecidas nos contextos social, histórico e cultural (Ancinelo e Caldeira, 2007) caminha lado a lado com as ideias de Barbosa e Horn ao reforçarem que

O socioconstrutivismo, representado pelas idéias de H. Wallon e de Vygostky, aponta para a superação da polarização entre o inato e o ambiental, afirmando que o conhecimento é construído socialmente, a partir das possibilidades de interações entre os sujeitos e o ambiente físico e social onde estão inseridos. Não só a escola, mas todo o ambiente ensina e aprender significa criar a cultura (Barbosa e Horn, 2008, p. 25).

Foi pensando nesse cenário que buscou-se criar um ambiente propício para que as crianças pudessem brincar, cantar, conhecer novas cantigas e jogos desafiadores, além de socializarem e aprenderem umas com as outras. A partilha proporcionou diversas situações ricas e que também serão analisadas nos resultados e discussões finais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em diversos momentos do cotidiano era comum o surgimento de frases desconexas como “*Bombardillo Crocodillo*” ou “*Tung tung tung sahur*”, fugindo completamente da atividade que estava sendo vivenciada e, na maioria das vezes, chamando a atenção de outras crianças que também conhecia esses memes e levando-as a repetí-los.

À luz da teoria, é possível perceber que esses comportamentos mostram como que bordões viciantes operam de acordo com o reforço variável exposto por Souza e Laine (2024) e funcionam como iscas de atenção, servindo como uma maneira mais fácil de prazer e fazendo com que as crianças não tenham paciência para experiências mais complexas que





exigem concentração e paciência, como a contação de histórias ou a explicação da regra de um jogo.

Perante o exposto, a implementação das intervenções com brincadeiras tradicionais configurou-se não como uma mera atividade obrigatória de estágio, mas como uma disrupção pedagógica intencional. A introdução de cantigas de roda, amarelinha e brincadeiras de corda foi inicialmente recebida com um misto de curiosidade e estranhamento por parte das crianças, acostumadas ao ritmo frenético das telas. O papel da mediação foi fundamental pois ao cantar junto, ao ensinar o ritmo dos pulos com a corda, ao ensinar diferentes versões das cantigas populares e ao estabelecer coletivamente as regras simples dos jogos, a dinâmica tornou-se fluida. O que se observou, então, foi uma transição inicial, mas significativa.

Os bordões isolados foram esquecidos durante as brincadeiras e foram estabelecidas interações sociais saudáveis entre as crianças e os adultos de referência ali presentes, pilares do desenvolvimento que a interação unilateral com a tela suprime. Esse processo vai ao encontro das ideias de Barbosa e Horn (2008), pois o conhecimento das regras, a cultura do brincar e a própria linguagem deixaram de ser um meme descontextualizado e passivo para serem construídos ativamente nas interações. O brincar tradicional, portanto, atuou como um novo ambiente socioconstrutivista, oferecendo um roteiro alternativo que mostrou que novos caminhos podem ser construídos se forem pensados coletivamente.

Pode-se destacar, então, em relação ao que se observou principalmente sobre as dimensões afetiva, cognitiva e psicomotora, o resgate coletivo de memórias sobre o que cada uma das crianças conhecia ao serem apresentadas à dinâmica interativa; a relação estabelecida voluntariamente entre essas brincadeiras tradicionais, com características das gerações anteriores, e suas semelhanças com as brincadeiras atuais, resultando em uma rica socialização e aprendizagem em conjunto; e ainda, a evolução de habilidades em brincadeiras que solicitam coordenação motora, atenção e esforço físico. Torna-se visível, dessa forma, como práticas simples podem ser de grande contribuição se bem planejadas e mediadas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



Em síntese, esta experiência evidenciou que as brincadeiras tradicionais podem atuar como uma potente ferramenta de resistência pedagógica frente à cultura digital fragmentada. A intervenção demonstrou ser capaz de promover um rompimento positivo no ambiente educacional, substituindo a reprodução passiva de bordões *brainrot* por interações sociais significativas e coerentes com o meio em que as crianças estão inseridas. Os resultados observados, como o resgate da partilha coletiva, a negociação de regras e o desenvolvimento de habilidades físicas e motoras, confirmam o potencial do brincar tradicional como uma prática culturalmente rica e eficaz.

Contudo, os pequenos avanços representam um ponto de partida, e não um destino final. A constatação de Barbosa e Horn (2008, p. 36) de que "as aprendizagens não acontecem de uma única vez e nem para todos do mesmo modo" reforça a compreensão de que a consolidação desses ganhos depende fundamentalmente de uma continuidade no processo educativo, argumentação apresentada e conversada com a professora regente da turma. É imperativo que essas práticas sejam incorporadas de forma orgânica e permanente ao projeto pedagógico da instituição, transformando-se em um eixo norteador da rotina e não em uma iniciativa isolada.

Nesse processo contínuo, o papel do educador é insubstituível. Cabe ao professor criar um ambiente propício onde as hipóteses e descobertas das crianças sejam escutadas, legitimadas e instigadas (Barbosa e Horn, 2008). A mediação qualificada é, portanto, essencial para sustentar um sistema de aprendizagem onde o esforço concentrado, a imaginação e as conexões genuínas se tornem mais interessantes para as crianças do que os estímulos vazios das telas.

Por fim, este trabalho reafirma a Educação Infantil, especialmente no contexto da educação pública, como um território crucial para a garantia do desenvolvimento integral. A persistência na oferta de experiências lúdicas ricas e mediadas deve configurar-se não apenas como uma estratégia pedagógica, mas como um compromisso ético e político com a formação de crianças críticas, criativas e socialmente conectadas.





REFERÊNCIAS

ANA, W. P. S.; LEMOS, G. C. Metodologia científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**. Mossoró, v. 4, n. 12, 2018.

ANCINELO, P. R; CALDEIRA, L. P. **O papel dos jogos lúdicos na educação contemporânea**. São Paulo, 2007.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 9-29.

PEREIRA, Letícia da Silva; OLIVEIRA, Fábio Marques de; MEDEIROS, Thiago de Ávila. **TikTok: sua influência e efeitos no sistema nervoso, bem como seu impacto negativo no processo de aprendizagem escolar**. *Ciência Atual*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 1243-1259, 2024.2. Disponível em: <https://revista.saojose.br/index.php/cafsj/article/view/766>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SOUZA, Adriano de Araujo; LAINE, Jean Marcos. **Mídias digitais vs saúde mental: como o uso excessivo afeta nossas vidas**. *Revista Mídia e Design, [S. l.]*, v. 2, n. 01, p. 01–11, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.14567492. Disponível em: <https://revistamd.fateccarapicuiiba.pagework.com.br/index.php/md/article/view/13>. Acesso em: 21 ago. 2025.

VALE, Caroline. **Italian brainrot: especialista alerta pais sobre memes que estão viralizando entre crianças**. *Catraca Livre, bem-estar*, 2025. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/saude-bem-estar/italian-brainrot-memes>. Acesso em: 17 ago. 2025.

